

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*	à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	28800	18900	6950	8120
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	28000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	28500	—	—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 847

10 DE JULHO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOQUEIRO, 25 A 28

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



BUSTO DE ALMEIDA GARRETT NO SALÃO DO THEATRO DE D. MARIA II
ESCUPTURA DE JOÃO ANASTACIO ROSA

ALMEIDA GARRETT

Este numero do OCCIDENTE ainda hoje dedica suas paginas a Almeida Garrett. Neste proposito, e para lhe continuar a devida homenagem, publicamos o discurso, do sr. Conde de Valenças, proferido na Camara Alta, e em que peato a transferencia dos restos mortaes do insigne escriptor para o pantheon nacional.

O discurso do digno par, aqui o damos copiado de uma prova da Imprensa Nacional; e d'ahi trasladamos egualmente a moção do orador, a representação da Sociedade Almeida Garrett e a resposta do sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho.

As festas significativas, ultimamente celebradas no Porto em honra de Garrett, seu mais illustre filho, e para lhe erguer na capital do Norte, monu-

mento condigno; os jornaes, livros e publicações diferentes, que proseguem escrevendo do grande e benemerito cidadão; a Sociedade Almeida Garrett, fundada em Lisboa, e dirigida por homens de superior talento e prestigio, que continua envidando seus esforços para celebrar solemnemente a apothese do poeta; o jornal que, segundo dizem as folhas periodicas, vae publicar; o concurso que resolveu abrir, entre os artistas nacionaes, para a feitura do mausoleu do imminente poeta e parlamentar, que ficará no pantheon ao lado de Herculano; a boa vontade dos poderes publicos, pois que o illustre presidente do Conselho acaba de referendar o decreto, que determina a trasladação dos restos mortaes de Garrett para a igreja dos Jeronymos; a adhesão, enfim, de todos, incluindo a generosa mocidade das escolas — tudo isto explica e dá actualidade ao assumpto, de que hoje o OCCIDENTE volta a occupar-se, e o qual, é nossa convicção, está no animo dos nossos leitores, e no de todos os portuguezes.

Eis porque publicamos, hoje, o discurso que vae lêr-se, e acompanhado de um busto do grande poeta. Mas, para não repetirmos retratos já bastante conhecidos ou vulgarizados, entendemos reproduzir a escultura que se encontra no salão do theatro de D. Maria II, e que é ao mesmo tempo obra d'arte, devida ao talento d'um artista que melhor desempenhou as personagens dos dramas de Garrett. Referimo-nos ao notavel actor João Anastacio Rosa, que, de ha muito, dorme o o somno eterno, mas que nunca será esquecido.

DISCURSO DO SR. CONDE DE VALENÇAS

Sr. Presidente, — Uso da palavra para falar de João Baptista de Almeida Garrett; nesta casa do Parlamento, onde echoou tantas vezes sua eloquencia, e onde todavia não vejo o busto de sua nobre figura.

Na verdade não dirigiu elle as discussões d'esta Camara; mas, da civilização que hoje fruimos, de suas diversas manifestações, elle foi um dos primeiros e o natural presidente, porquanto, regou e governou com a palavra, o livro, o jornal, as instituições litterarias e politicas, que engrandeceram a nação e a ensinaram a pensar: — a ser gente.

É esta, hoje, a opinião convencida de todo o paiz; que em peso, de vontade unanime, tem enviado ao Parlamento suas representações, para que seja feita justiça cabal a Almeida Garrett, cujas cinzas se guardam em mausoleo de emprestimo, e não no Pantheon Nacional!

Tenho aqui, sr. presidente, por ordem chronologica, e em memoria que por favor me deu a secretaria dos Senhores Deputados, essas representações. A tal respeito já se manifestaram as sociedades scientificas: o Instituto de Coimbra, a Academia Real das Sciencias; as folhas periodicas, diferentes associações, as camaras municipaes, e até os esquecidos, — os nossos concidadãos que residem no Brazil, na Africa, na India; enfim, a maioria dos portuguezes, em voto declarado.

Sr. presidente: tem as nações religião sua, governo que elegem e defendem, tradições em que se criaram e a que muito querem, poesia que lhes é encanto nos annos juvenis e lenitivo nos agros labores da vida; tem igualmente seus grandes homens; feiticieiros bons, que, se lhes comprehendem a poesia, as tradições, a historia, a

* Não podemos publicar hoje o Decreto do Governo, porque só virá na folha official, no dia 14.

rém, só no Parlamento; foi visto em todas as tribunas: — na do jornal, na do proscenio, na do livro.

No jornal falou constantemente! Ahí, em linguagem tersa, promovia a nova ordem de cousas; ahí, no seu estylo facil, gracioso, despretencioso, ia amenizando os costumes, illustrando as consciencias, promovendo a civilisação.

No theatro fallou tambem não raras vezes, e sempre pela boca dos heroes, que viviam nas tradições do nosso povo. Assim, não é elle que é o patriota, é o alfageme de Santarem; não é elle que faz a historia, é Gil Vicente; não é elle o homem tragico, a quem o destino arroja para as sombras de um claustro, é Manoel de Sousa Coutinho; não é elle o heroe, é D. Filippa de Vilhena.

Mas é elle que os cria a todos; e esta é a sua gloria, porque é a parte do talento.

Legislador, procede de igual maneira. Poder visível e occulto do regimen Constitucional, elle ora faz a lei, a apresenta e defende; ora a redige e a dá aos ministros da Coroa para que a façam approvar pelas suas maiorias.

Fez a reforma da instrucção, em que organiza todos os serviços; mas os que vieram depois é que se aproveitaram das bases em que a primeira, a d'elle, se fundamentava.

Fez igualmente a primeira lei de administração civil, mas quem a referendou foi o illustre Mouzinho da Silveira.

A propriedade litteraria foi elle quem a garantiu na lei; mas está hoje no Código Civil, e ahí não vejo a sua assignatura.

Que se lhe dava d'isto, o gran le Almeida Garrett? No theatro, no proscenio da politica, na tribuna do jornal, elle foi sempre o feliz dramaturgo, a quem succedeu a ventura de assistir a representação das suas peças pelos maiores actores.

Sr. Presidente: desejava proseguir; mas V. Ex.^a já se dignou lembrar-me de que tinha dado a hora de se passar aos assumptos do dia.

Assim terminarei, mandando para a mesa a representação da *Sociedade Almeida Garrett*, de que tenho a honra, ainda que sem meritos, de ser o presidente. Esta representação expõe, em breve resumo, o que outras já tem pedido ao Parlamento, isto é, que o governo decrete a transferencia dos restos mortaes de Almeida Garrett para o Pantheon, declarando igualmente, que nenhuma despesa requer do Thesouro Publico.

Acompanho a da minha mocção.

E agora, reconhecendo o favor da Camara, por me ter escutado attenta, eu direi afinal que, Almeida Garrett, alto protagonista nos dramas da idéa, que são igualmente os dramas da politica, — merece a nosse consagração. Os grandes corpos legislativos, que, por acudir às misérias humanas, tantas vezes tecem e desmancham a sua teia de Penelope, isto é, que, por lhes acudir, fazem as leis e as desfazem — tem certamente suas horas solemnes, em que, por esquecer a dor e o sofrimento, encham de consolo o seu espirito, erguendo olhos para o ideal. Ora, o eminente tribuno, o homem extraordinario, de que falei, em todos os actos publicos da sua vida foi o ideal, porque, Senhores, — elle era a poesia.

Vozes: — Muito bem.

A MOCÇÃO.

A Camara convida o Governo a decretar que os restos mortaes do insigne Visconde de Almeida Garrett sejam trasladados para o Pantheon dos Jeronymos, e que o dia em que se realizar aquelle acto solemne seja considerado de festa nacional.

Camara dos Dignos Pares do Reino, 2 de maio de 1902. — *Conde de Valençãs*.

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE ALMEIDA GARRETT

Dignos Pares do Reino. — A *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, fundada em Lisboa, para honrar a memoria de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, vem hoje, por este meio, respeitosamente, impetrar dos representantes da Nação, que seja determinada a trasladação dos restos mortaes de tão glorioso portuguez para o templo dos Jeronymos, em Belem.

Ninguém contesta, Senhores, a justiça de tal pedido; porquanto, o país inteiro, em successivas representações á outra casa do Parlamento, d'este modo se tem manifestado, reclamando que esta honra insigne seja concedida ao notavel poeta do *Camões*, da *D. Branca*, da *Adozinda*, do *Frei Luiz de Sousa*, que tão alta influencia exerceram

e ainda exercem nas letras portuguezas, que elle, o illustre Garrett, ennobrecou e honrou.

Almeida Garrett, Senhores, não foi unicamente o auctor insigne de immorredouras obras litterarias e artisticas; seu alto espirito reformador manifestou-se igualmente no renascimento da Nação Portuguesa, e de maneira unica e inconfundivel. Elle foi o collaborador prestimoso de Mouzinho, nas leis da Terceira; redigiu as reformas administrativas do seu tempo; reorganizou, com superior intelligencia, os serviços da instrucção publica; foi o maior orador das duas Camaras; fundou o theatro nacional, criando actores, edificio, seus regulamentos, o Conservatorio e as peças dramaticas; colleccionou uma das melhores leis eleitoraes que inda tivemos; redigiu o Acto Adicional ao nosso Código politico, o qual defendeu com as armas, com a penna, com a palavra; fez a lei das misericordias; a da propriedade litteraria, que a Inglaterra, a Prussia e o Hanover depois copiaram; e é sua a idéa do Pantheon Nacional, que Passos Manuel perfilhou, quando o teve por collaborador em 1836.

Exilado por tres vezes, soldado da liberdade, juiz, embaixador, Deputado, Par, Ministro da Coroa, chronista-mór do reino, director do conservatorio, — o grande Almeida Garrett ainda teve sobras de tempo para criar em todos os ramos da litteratura portuguesa a obra mais intellectual que nunca até hoje fôra realizada!

Alexandre Herculano, insuspeito para todos nós, chamou a Garrett o maior portuguez do seculo XIX. Herculano já lá está no Pantheon, ao passo que Almeida Garrett continua a fazer numa sepultura de emprestimo, esquecido, quasi abandonado, elle, que tão grande foi, e que tantos e tão gloriosos serviços pre-tou á sua patria!

Não desconhece a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* as especiaes circumstancias em que se encontra o país, circumstancias ponderosas para todos os que são verdadeiros patriotas; e não pretende, por isso, que as despesas da trasladação, que reclama em nome do reconhecimento nacional, sejam feitas pelo Estado, como seria de justiça, se melhores tempos corresse para a causa publica. Muito ao contrario, esta Sociedade pretende apenas que a trasladação seja votada, para honra do Parlamento portuguez, e convertida em lei, a que a mesma Sociedade procurará dar execução, empregando para isso todos os meios ao seu alcance, sem sobrecarregar as finanças publicas, e recorrendo apenas á iniciativa particular.

Assim o assegura e a tal se compromette, esperando que a trasladação seja decretada para dar começo aos trabalhos indispensaveis para a sua conversão em justiceira realidade, secundando por esta forma os votos de todo o país, expressos em dezenas de representações, que ao Parlamento tem sido enviadas nesta e noutras sessões legislativas.

Nestes termos, a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* espera que as Côrtes da Nação, vendo removida a principal difficuldade, que se tem oposto a esta tão grande manifestação de posthuma justiça, não hesitem em decretar a trasladação requerida, honrando assim quem, em ambas as Camaras, tantos dias de gloria forneceu aos seus annos. — E. R. M.⁶

Lisboa e secretaria da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, 1 de maio de 1902. — O Conselho Director: Presidente, *Conde de Valençãs* — Vice-Presidente, *Francisco Simões Margiochi* — * Secretario, *Alberto Bessa* — Thesoureiro, *Sebastião da Silva Leal* — Vogal, *Gabriel Pereira*.

A RESPOSTA DO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO

A idéa da trasladação dos restos mortaes de Almeida Garrett para os Jeronymos está de ha muito no animo do governo a que tenho a subida honra de presidir. Posso assegurar ao digno par que esse grande acto de justiça para com a memoria do visconde de Almeida Garrett, ha de ser levado a effeito, e sobretudo agora dados os termos em que se acha redigida a representação da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, a que s. ex.^a tão dignamente preside.

Na sessão seguinte, devia a proposta do sr. conde de Valençãs ter segunda leitura na meza da camara, mas o sr. conselheiro Luiz de Bivar, presidente, disse que, depois das palavras proferidas na sessão anterior pelo sr. presidente do conselho de ministros, podia ser dispensada essa leitura, visto que o governo promettera decretar a trasladação. A camara assim resolveu.



CHRONICA OCCIDENTAL

E nós em julho, e o tempo a fazer caretas.

As velhas benziam-se. Nunca depois do S. Pedro tinham visto assim uma carga d'agua! Em plena Lisboa houve centenares de inundações e no Porto uma saravada deu trabalho para mais d'um mez a todas as fabricas de vidraça no paiz.

De todos os pontos da provincia vieram descrições tetricas dos estragos causados pelo granizo e pelas falcas electricas, que algumas mortes produziram.

São grandes os prejuizos que soffreram os lavradores em suas eiras, vinhas e arvores de fructo.

Não era coisa para achar imitadores, mas a trovada do céu, ratos e coriscos, saravada, acharam rivaes no jornalismo de Lisboa.

Queixam-se os fazendeiros com toda a razão, queixa-se o publico. Os curiosos assistem impassiveis de nariz na janella por entre os vidros, ou d'olhar malicioso no jornal, para ver onde aquillo vae parar. Mas os que com isso tem a perder só desejam um bocadinho de azul no céu, mais um nadinha de paz na imprensa. Subam os barometros annunciando me hor tempo por toda a parte é o que sinceramente desejamos, á moda do Barão de Catania, salvo erro no nome, que sempre começava: Haja paz e concordia entre os portuguezes!

Pois assumptos interessantes não tem faltado ultimamente, e, quando os jornalistas d'elles á cata os vemos sempre, é de e-pantar como agora se mostram d'elles despresadores.

As melhoraes do rei de Inglaterra, progressivas sempre, não deram o que muitos esperavam, fiados na opinião de certos medicos. Uns boletins ora desanimadores, ora cheios de esperanza, seriam maravilhosos para espraçar considerações, vir com novas entrevistas, tornar a trazer para o jornal a sciencia dos professores e a bruxaria das videntes.

Nada por enquanto se sabe ao certo sobre a epoca da coroação. Diz-se que Eduardo VII deseja que a cerimonia se realice dentro do anno de 1902 em que foi assignada a paz com as republicas sul-africanas. Fala-se na semana que começa em 11 de agosto.

Parte do programma continua a ser cumprido, como fôra determinado antes da doença do rei; a outra não perderá por certo com a demora.

De volta de Inglaterra, n'um d'esses dias de temporal com que fomos mimoseados, e por isso umas horas mais tarde do que era esperada, entrou a barra a divisão naval portuguesa, composta dos cruzadores *D. Amelia* e *D. Carlos*, vindo a bordo d'este ultimo o principe real de Portugal, D. Luiz, de regresso de Inglaterra, onde fôra para representar nas festas da coroação a familia real portuguesa.

Não saiamos por enquanto d'esse paiz para darmos mais alguma noticia do nosso.

Do que em Inglaterra podemos commercialmente vir a ser um dia, occupou-se uma d'estas noites, em conferencia na Associação Commercial, o nosso querido amigo, Jayme Batalha Reis, consul geral de Portugal em Londres.



JAYME BATALHA REIS

Apresentado pelo sr. Simões d'Almeida, foi Batalha Reis recebido com uma prolongada salva de palmas. Todos subiam o alto valer de quem ali se

¹ No Portuguez, no Chronista, no Chasco Liberal e no Peseiro, e, Jotuaes que elle proprio havia criado, e n'outros.



BENTO CARQUEJA—PROPIETARIO E DIRECTOR DO «COMMERCIO DO PORTO»



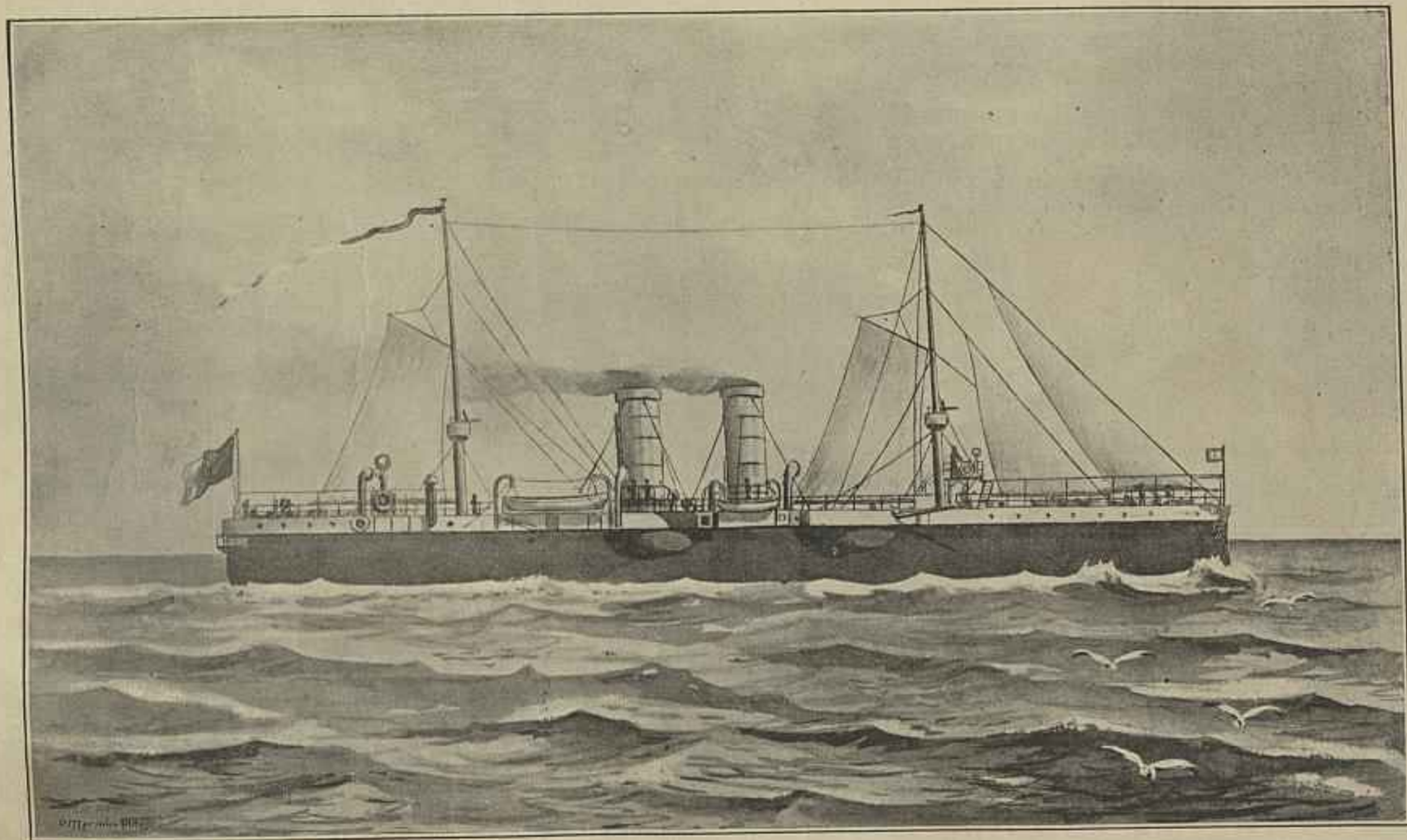
VISTA PERSPECTIVA DO NOVO BAIRRO PARA OPERARIÓS NO MONTE PEDRAL.



PLANTA GERAL.



ALÇADO



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — COUÇADO «VASCO DA GAMA» — COMO FICA DEPOIS DAS MODIFICAÇÕES FEITAS EM LIVORNO

apresentava, profundo conhecimento que tem do assumpto que ia tratar, e quanto ao seu trabalho intelligente já deve o nosso paiz.

O illustre conselheiro descreveu o que era o mercado em Londres, disse como deviamos procurar fornecer o dos nossos vinhos, dos nossos fructos, das nossas flores, que os passos que para tal conseguir se deviam dar: o annuncio, o reclamo, e como depois honradamente era preciso manter o credito adquirido.

A este ultimo respeito fez Batalha Reis variadas considerações, falou dos capitães inglezes que para o nosso paiz tentou atrahir e da desconfiança d'aquelles a quem se dirigiu.

Em triste conceito somos tidos lá fóra.

Dizem os estrangeiros que as leis e governo de Portugal levantam embaraços a quantas empresas aqui se estabelecem, sendo preciso a peso de oiro comprar a benevolencia dos altos funcionarios do estado; que é preciso admittir nas direcções grandes personagens politicas, ouerando assim os orçamentos; que, cedendo á influencia de interessados, se criam centros productores privilegiados que vão lesar os já estabelecidos.

Toda a assembléa applaudiu Jayme Batalha Reis pelo muito conhecimento que revelou nos diferentes assumptos tratados e pelo desassombro com que fallou.

Funcionario dos mais illustres que nos paizes estrangeiros honram o nome de Portugal, e com o maior jubilo que registamos o seu triumpho.

Tinha auctoridade para fallar e bom era que assim, nos diferentes ramos de governação de que depende o nosso futuro, todos com a mesma sciencia e coragem manifestassem sua opinião.

Sabemos que muita vez a verdade é bastante dura de dizer e que a muitos interessa contradicta; mas um dia a franqueza ha de ter consequencias mais maravilhosas que quantas mentiras possam embulhar-se em conveniencias diplomaticas.

Certamente do que disse Batalha Reis em sua conferencia grande utilidade poderá resultar para o paiz, cujo estado financeiro, segundo muitas e boas opiniões, não é de nuvens tão temerosas como a pessimistas agrada ver no horizonte.

Vai-se, se não ainda como era devido, pelo menos com interesse crescente, pensando em desenvolver o nosso commercio, procurando sobre tudo tirar das nossas colonias motivos para fortificar nossa independencia.

Differentes expedições para pontos differentes sujeitos ao dominio portuguez, agora embarcaram, dando motivo mais uma vez as sympathicas manifestações que sempre merecem os nossos soldados tão cheios de nova gloria nos ultimos combates.

Já depois que d'aqui sahiram, mas novas nos chegaram do gentio nas possessões occidentaes, o qual por lá fez novas tropelias contra alguns negociantes estabelecidos no interior.

Pouco a pouco, porém, irão entrando na comprehensão de seu dever para poderem manter a propria tranquillidade.

O que precisamos é formar desde já os homens que, mais tarde, hão de cumprir a gloriosa missão de elevar o nome portuguez á sua antiga altura, digno de hombrar com o das maiores nações.

Aos que vamos entrando no caminho da velhice por isso nos commove qualquer manifestação de intelligencia e força, de progresso e de actividade, que possamos applaudir nos que hoje são pequenos e, amanhã, quando formos decrepitos, serão os homens de acção.

Este mesmo pensamento a todos decerto occorreu quando, na grande sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, applaudiam os exercicios gymnasticos e de esgrima ali executados com a maior precisão pelos trezentos alumnos da Escola Academica, um dos mais conceituados estabelecimentos de educação do nosso paiz.

São elles os homens do futuro, é n'elles e seus companheiros que havemos de depositar a nossa confiança.

Portugal começa novamente a ser fallado, a mostrar que não era morta a sua alma, mas apenas esmorecida. Muitos jornaes dos mais conceituados na Europa, não contaminados pela calumnia, do nosso paiz se tem ultimamente occupado e do esforço que faz para seu resurgimento.

Da calumnia temos nós muita vez a culpa, mas do que é má lingua nossa já não vale a pena fallar, que somos incorrigíveis.

De quando em quando, visita-nos uma esquadra. Com mais frequencia agora.

Uma esquadra franceza esteve ultimamente ancorada nas aguas do Tejo, tendo sido recebida com as formalidades e festejos do costume.

Outras visitas tivemos, também de grandes personagens: um Conde francez, actualmente n'um

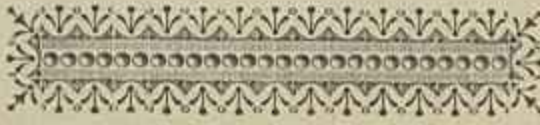
calaboço do Governo Civil, e um Principe russo, que se raspou com um album de sellos.

Tambem isto indica civilisação. Os homens da corrente de papagaio impingida por oiro a um desgraçado alemtejano de fresco desembarcado no Terreiro do Paço, começaram a envergonhar-se de sua modestia, dos seus velhos processos. O grande intrusão de titulos pomposos e cadastro europeu fez cá na terra a sua apparição. O francez não se deu lá muito bem, mas o russo, maravilhosamente.

Para completa gloria da cidade, chegou a dizer-se que a familia Lambert a tinha honrado com a sua passagem.

Não ha que ver, estamos no galarim.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO BAIRRO PARA OPERARIOS

NO MONTE PEDRAL, CONSTRUÍDO POR INICIATIVA DO «COMMERCIO DO PORTO»

Está ainda bem vivo na memoria o terrivel flagello da Peste Bobonica que, em 1899, visitou a cidade do Porto.

Foi este um *mal que veio para bem* como diz o povo, porque, embora fizesse grande numero de victimas, numero que teria sido muito maior se não fóra as providencias tomadas e intelligentemente dirigidas pelo Dr. Ricardo Jorge, foi como que um aviso preventivo de desgraça maior, que fez acordar muita incuria e muito desprezo pelos preceitos mais elementares da hygiene e do acao, o que largamente foi então commentado e discutido por toda a imprensa do paiz.

Dessa discussão sahiu felizmente a luz, o que, diga-se de passagem, nem sempre acontece, n'estas pugnas da imprensa a que estamos assistindo, e sahiu luz vivificante, clara e praticamente util, com que lucrou a cidade do Porto, e muito especialmente, a classe pobre, como a que mais soffria no desconforto e imundice de suas habitações.

Sahiou luz e muita luz e quem mais alumiu foi, sem duvida, o nosso collega *O Commercio do Porto*, iniciando, com um bom abolo, uma subscrição para se construir um bairro de casas para operarios.

A iniciativa deu o resultado que era de prever, conhecendo-se o centro donde ella partiu, a competencia do chefe d'esse centro, Bento Carqueja proprietario e redactor d'*O Commercio do Porto*.

Seguramente o nome de Bento Carqueja era garantia do bom exito da empresa, e a empresa foi para deante, pratica e intelligentemente dirigida, de modo que hoje já se póde ver, no Monte Pedral, no Porto, um grupo de quatorse casas para familias de operarios que ali podem viver higienica, acada e economicamente.

Se por tantos outros motivos Bento Carqueja não merecesse o respeito e homenagens publicas, como homem de sciencia professor de uma das primeiras escolas do paiz, a Academia Polytechnica; como jornalista devotado á causa publica, onde se encontra sempre na brecha conhecedor das questões, tratando-as á boa luz do seu espirito, como bom senso e melhor conselho, o que por ali vae rareando; se não fossem tantos outros titulos, repetimos, a parte que elle tomou no beneficio que estão gosando tantas familias, na cidade do Porto, era objecto de sobra para a veneração e applauso publicos.

O plano da construcção foi elaborado pelo architecto portuense Jose Marques da Silva, auctor dos projectos da estação de S. Bento, no Porto, do edificio da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães e outros, que todos confirmam a competencia do architecto.

Como dissemos, do plano geral do bairro, só está construido um grupo de quatorse casas, que a nossa gravura, copia de uma photographia, representa.

Estas casas, que já tem moradores, alinham n'uma correnteza, separadas da rua por jardins com sua grade e todos os quartos tem ar e luz directas.

As paredes estão construidas com pedra tirada

do proprio local da construcção. A despeza feita elevou-se a 13:945\$160, incluídas terraplanagens, canalisações de agua e de esgotos, seguro etc.

A planta geral indica os agrupamentos das casas, a sua disposição e numero, tendo todas serventia para a rua conforme o exigiu a camara municipal que não premetiu o bairro fechado, o que em verdade é vantajoso, mas obrigou a mais despeza na construcção.

Gostosamente registamos este melhoramento do Porto, como iniciativa sanitaria d'aquella formosa cidade, que muito desejamos ver continuada, para beneficio da sanidade publica e bem estar de seus habitantes.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

COURAÇADO VASCO DA GAMA

No proposito em que o governo está de continuar a reconstituição da marinha de guerra portugueza, que, diga-se em verdade, havia chegado á maior penuria, mandou fazer grandes modificações no couraçado *Vasco da Gama*, no sentido de alongar o navio e augmentar lhe a velocidade, artilhamento moderno, etc., em harmonia com o plano que lhes foi apresentado por uma commissão, para esse fim nomeada, e de que faz parte o capitão de mar e guerra conselheiro sr. Ferreira de Almeida.

A reconstrucção do couraçado, foi dada por concurso á casa Orlando de Livorno, a mesma que construiu o *Adamastor*, e, segundo o plano definitivo, essa reconstrucção, que transforma quasi completamente o navio, consta do seguinte:

Alongamento a meio navio, passando de 6^m,10 a que se obrigou, para 7^m,925, — o que dá um grande desafogo para a installação das machinas e caldeiras — alongamento do casco á proa de 2^m,20, no intuito de afinar as linhas de agua, de modo que, com a mesma força, e portanto com o mesmo consumo de carvão, o andamento do navio será maior.

As condições nauticas a vante não eram regulares; o navio tinha uma grande tendencia para afocinhar, e perderá esse defeito, ou pelo menos ficará muito attenuado com o alongamento que vae ter.

O castello é prolongado para ré, até á linha da couraça transversal do antigo reducto, o que dará, em cima, uma coberta igual á que existia antigamente na linha do pavimento do antigo reducto, e a antiga coberta, livre dos embonos, do cabrestante e das cosinhas, ficará uma segunda coberta desafogadissima.

O castello, em pavimento corrido até á bateria de grosso calibre, fica em spardeck, com uma peça de 76/40 m/m á proa, e em plano superior, a primeira ponte de navegação, com duas metralhadoras de 25 m/m.

No antigo plano do convés fica a installação da grossa artilharia de 201/40 Armstrong.

De vante a ré corre um passadiço, que liga a parte de vante com uma segunda ponte transversal, na linha dos portalos, correspondendo ao intervallo entre as duas chaminés, e servindo para montar duas peças de 47/40 m/m que estavam primitivamente destinadas á tolda, e assim sobrem de plataforma 2^m,0.

Continua o passadiço para ré, a passar sobre uns vaus de installações de tres das maiores embarcações, ligando com o tombadilho alongado para vante, mas aberto aos lados.

Todos estes alongamentos e novas installações são feitos pela casa Orlando, sem augmento de encargos para o estado, e valorizados n'uma sua proposta em 3:600 libras que toma de sua conta pelos abaixamentos de preços que ultimamente lhe foram feitos pela casa Armstrong.

Tendo o contracto sido tomado no todo, sem indicação de preço especial de machinas, casco e artilharia, todas as differenças, para mais ou para menos, constituam as contingencias de contractos d'esta ordem; a casa Orlando porém, no empenho de ser agradavel ao governo e á marinha nacional, dando-lhe um navio mais perfeito, e bem assim cedendo ás sollicitações do delegado do governo portuguez em Livorno, o conselheiro sr. Ferreira de Almeida, como ella fez exarar no texto do contracto adicional, faz todas estas obras sem encargo algum para o thesouro portuguez.

Propoz a casa Orlando, e o governo acceptou, que se a marcha do navio subisse a 15,5 nós nas mesmas condições do contracto, o governo lhe daria um premio de mil libras.

Para os que desconhecem a materia, e lhes possa parecer o caso estranho, bastará examinar o



DR. LOURENÇO DA FONSECA

FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

NECROLOGIA

LOURENÇO DA FONSECA

Medico, poeta, publicista, tal era Lourenço da Fonseca, de quem temos que fazer breve necro-

logio, não porque ao fallecido faltassem actos dignos de se mencionarem, mas porque nos falta espaço para os promenorisar e nos alongarmos em apreciações.

Houve um tempo em que o nome de Lourenço da Fonseca se tornou popular no paiz e conhecido no estrangeiro.

No paiz todos o conheceram pelas extraordinarias curas que fez de enfermidades d'olhos;

no estrangeiro, pelos livros que publicou na lingua patria e em francez, sobre as ditas enfermidades.

Medico oculista de primeira ordem tratou de milhares de enfermos de doenças d'olhos, por que, não fazendo monopolio da sua sciencia, tanto tratava o rico como o pobre, e este ainda mais do que aquelle.

Comprehendia perfeitamente o sacerdocio a que se dedicara e como não o havia de comprehender; elle que tinha um coração bondoso, uma alma generosa; elle que ao mesmo tempo que manejava os delicados instrumentos cirurgicos operando maravilhosamente, tangia a lyra do poeta e soltava vós de sua phantasia de roman-cista.

Ahi deixou as provas nos seus livros: *Goivos da Aldeia, Lendas do Universo, No Douro e Tejo, Na Rede, Martyrio de uma mulher honesta, Um printemps*; e na sciencia: *Le foud de l'œil d'ans quelques maladies moins frequentes de la retine du nerf optique et de la choroïde, Conservação da vista nas escolas, Atrophia do nervo optico, Formulario da clinica oculista e Archivo ophthalmologico de Lisboa.*

Lourenço da Fonseca, nasceu no Rio Grande do Sul, em 20 de junho de 1848, filho do sr. commandador Francisco Lourenço da Fonseca, portuguez que residio muitos annos no Brazil e que ha muitos mais vive em Lisboa, onde é bem conhecido por sua dedicação pelas coisas d'arte, e onde por varias vezes tomou logar da veriação do municipio.

Veio, Lourenço da Fonseca, uma creança para esta capital onde fez o seu curso e onde, querendo dedicar-se á especialidade do tratamento de doenças d'olhos, praticou largamente com o medico oculista Van-der-Laan.

Estabeleceu depois um consultorio n'um primeiro andar da praça de Luiz de Camões, e ali, por muitos annos, tratou, como dissémos, milhares de doentes, realisando curas extraordinarias que deram honra e fama ao seu nome.

Ha poucos annos resolveu levar o auxilio da sua sciencia ao Brazil e para lá foi estabelecer-se.

A saúde, e, por ventura as saudades de Portugal, onde ficavam muitos dos seus, não o deixaram persistir muito em terras de Santa Cruz, e regressou a Lisboa, onde veio acabar seus dias, ainda no vigor da idade, com profundo sentimento de todos que o conheciam e estimavam como amigo e medico de alto merecimento.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Alfredo David

ENCADERNADOR E DOURADOR

Casa fundada em 1867

OFFICINAS MOVIDAS A VAPOR

Fabrica de livros em branco
e caixas para escriptorio

Rua Serpa Pinto, 30, 32, 34, 36 — Rua Anchieta, 8, 8-A

LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO

DO

OCCIDENTE

Para 1903

Recebem-se annuncios para este almanach até ao dia 30 de julho.

Preços: 6000 réis 1 pagina.

» 3050 » 1/2 »

» 2050 » 1/3 »

» 2000 » 1/4 »

» 1200 » 1/8 »

Annuncios por linha 30 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE ESTEVES PEREIRA

Romanço de cavallaria
de capa e espada, recheado de aventuras
as mais extraordinarias

1 vol. illustrado com uma
capa a côres 200 réis, pelo cor-
reio 220 réis.

Descobrimto das Filippinas

PELO NAVEGADOR PORTUGUEZ

FERNÃO DE MAGALHÃES

Por CAETANO ALBERTO

1 vol. profusamente illustra-
do 500 réis franco de porte.

Empresa d'O OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

GIL VICENTE

POR

Jacinto Ignacio de Brito Rebello

Um volume illustrado com os retratos do Poeta, de D. João III e D. Sebastião, Rainhas D. Maria, D. Leonor, D. Catharina, Infantas D. Maria, D. Beatriz, quadro do Casamento de El-rei D. Manoel, Custodia de Belem, vista de Guimarães, retrato de Garrett, Tumulo supposto de Gil Vicente, fac-similes, etc.

Sahiu do prelo e será posto á venda em breves dias

Preço 500 réis

EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA